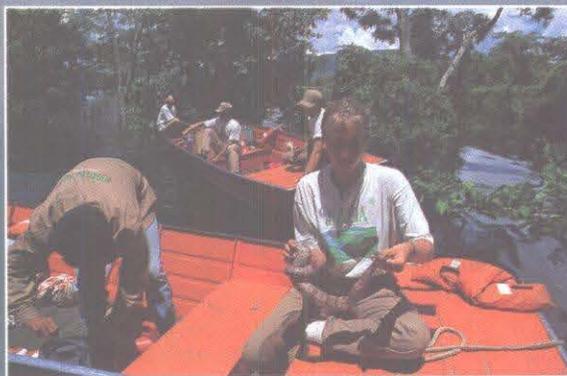


As águas da discórdia

Maravilha da engenharia para uns, desastre ecológico para outros, a Usina de Serra da Mesa, em Goiás, está alagando uma área maior que a da cidade de São Paulo

Um colossal muro de pedras da altura de um prédio de cinquenta andares se ergue do fundo do Rio Tocantins, no norte de Goiás. De cima do paredão, olhando-se para os lados, as visões são diametralmente opostas. Na direção em que o rio antigamente corria para o mar — que só encontraria quilômetros à frente, no Pará —, o que se divisa é um aterro e, em seguida, um rio pequeno de águas barrentas e paradas que parece desnorreado: interrompido e sem forças para seguir, ali ficou, estático, à espera de algum alento da chuva.

Já no outro lado, onde os principais formadores nutrem o Tocantins, há uma explosão exuberante de água que se alastra incansavelmente, subindo entre 40 e 50 centímetros diários — como se o líquido avançasse do chão até a altura dos joelhos a cada jornada. Esse ritmo incessante vai perdurar por mais um ano, até que o reservatório da Usina de Serra da Mesa, da estatal Furnas, tenha chegado ao nível desejado. Quando isso acontecer, uma área de 1 784 quilômetros quadrados, maior que o município de São Paulo, terá sido alagada e o leito do rio terá saído da sua calha natural para ficar cerca de 1 100 vezes maior, tornando-se um gigantesco lago pontilhado de mais de 300 ilhas — onde antes havia terra firme.



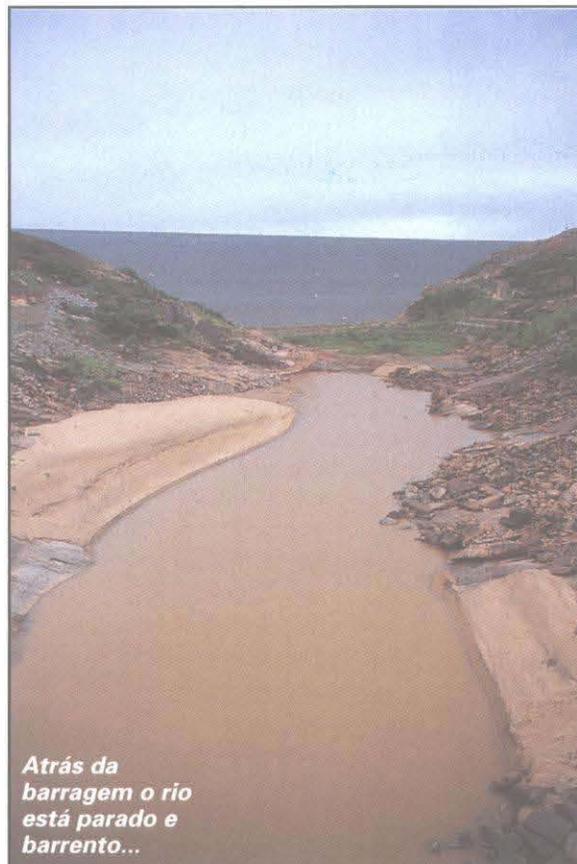
O imenso reservatório da usina e uma equipe trabalhando no resgate dos animais ilhados (no detalhe): tentativa de reduzir os danos à natureza



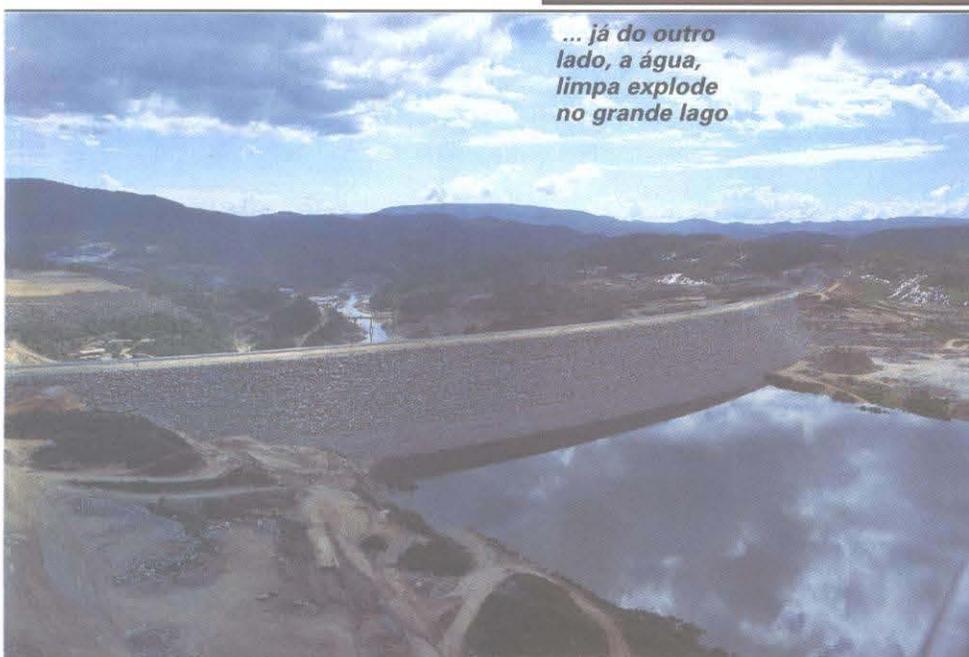
Se vista da barragem a paisagem impressiona, o cenário do canteiro de obras é ainda mais chocante, coisa de filme de ficção científica. A visão da casa de força, por onde a água do reservatório passará, é parecida com aqueles desenhos que retratam o inferno como um enorme local visto de cima, com pessoas enegrecidas de fuligem caminhando como formiguinhas por entre enormes máquinas de tortura que soltam fumaça. Aqui as máquinas não são de tortura, mas o lugar é mesmo grandioso e aterrador: um buraco cavado na rocha de granito que se alonga 70 metros (cerca de 23 andares) para dentro das entranhas do mundo, recheado de ônibus de transporte, tubos, peças enormes e gente que parece diminuta, no qual se tem a certeza de que o homem é incansável em seu anseio de brincar de Deus, manipulando e dominando a natureza com recursos que o superam largamente em força.

Esse empreendimento gigantesco ocupou cerca de 4 mil trabalhadores que detonaram o granito para colocar dentro o maquinário, e com a pedra que saiu construíram parte da barragem. Ele servirá para gerar 5 700 gigawatts por hora — energia elétrica suficiente para abastecer um Estado do porte de Goiás ou do Espírito Santo.

São mais de 54 bilhões de metros cúbicos de água, que vão ocupar uma parte de sete municípios goianos e cobrir 93 sítios arqueológicos



Atrás da barragem o rio está parado e barrento...



... já do outro lado, a água, limpa explode no grande lago

Idealizada em tempos de “Brasil grande”, dentro do projeto desenvolvimentista do governo militar, os estudos para a construção da barragem começaram em 1979. O ritmo da obra, porém, foi drasticamente reduzido durante os anos 80, período de recessão que jogou um balde de água fria nas expectativas de crescimento do país.

Agora com o Plano Real, a construção voltou a acelerar-se, já que surgiram novas previsões de que faltaria energia ainda este ano se o país crescesse em decorrência da estabilização econômica. Assim, os 54,4 bilhões de metros cúbicos de água do reservatório — o maior do país em volume — servirão, a partir de abril de 1998, o mercado de energia elétrica do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, ao qual a

usina estará conectada. O problema é que, apesar de trazer inegáveis benefícios, a obra gerou também transtornos, transformações e dúvidas proporcionais à sua magnitude.

Um exemplo: por 40 quilômetros, até receber o deságüe do Rio Negro, o primeiro afluente nessa direção, o rio vai secar ou virar poças para trás da barragem. Isso traz o risco de contaminação por doenças, como a malária ou a dengue, já que as águas paradas atraem os mosquitos que as transmitem. Os peixes que ali viviam e nadavam acompanhando a correnteza do Tocantins também terão complicações: serão obrigados a migrar para os afluentes para completar seu percurso ou moldar-se à nova situação de viver num lago. Nesse processo, muitos vão su-

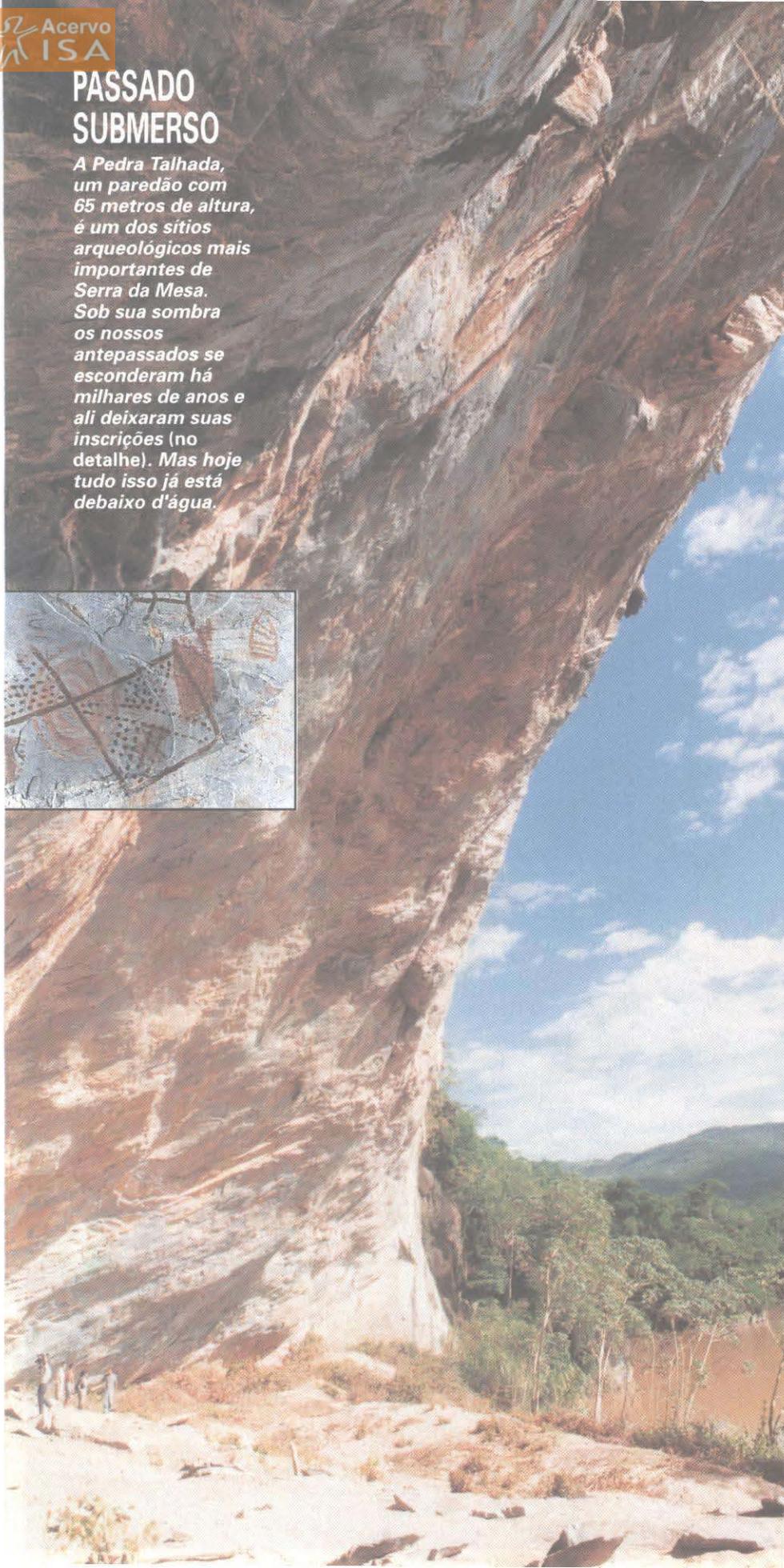


FORÇA BRUTA

Quatro mil operários trabalharam durante anos para detonar a rocha onde foram colocadas as máquinas. Nesse buraco de 70 metros de profundidade feito no granito eles trabalham hoje montando as turbinas. O cenário é impressionante, digno de ficção científica. Com as pedras retiradas dali foi construída parte da barragem.

PASSADO SUBMERSO

A Pedra Talhada, um paredão com 65 metros de altura, é um dos sítios arqueológicos mais importantes de Serra da Mesa. Sob sua sombra os nossos antepassados se esconderam há milhares de anos e ali deixaram suas inscrições (no detalhe). Mas hoje tudo isso já está debaixo d'água.



cumbir, já que, embora mudanças como essa aconteçam na natureza, seu ritmo é muito mais lento, dando tempo às espécies para se adaptarem. Não é esse o caso do reservatório da usina, que em dois anos crescerá em volume cerca de 1 100 vezes.

Do mesmo modo, os animais que viviam no cerrado, nas matas próximas à represa e nas áreas alagadas estão vendo profundas mudanças em seu ambiente. Enquanto alguns são expulsos pelas águas e tentam se refugiar, os que estão em terra firme vêem seu território invadido (isso sem contar os que morrerão afogados).

Não bastasse tamanho impacto sobre a natureza da região, que atinge sete municípios, as águas do reservatório ainda vão cobrir 93 sítios arqueológicos importantes, alguns com mais de 5 mil anos, que foram descobertos no local, e ainda 10% da reserva indígena dos últimos remanescentes dos avâs-canoeiros (*veja quadro*). Esses índios, por total falta de recursos da Funai (que não tinha sequer indigenistas), foram durante um bom tempo a “atração turística” dos peões da usina. Sem falar uma palavra em português no início, foram deixados próximos ao canteiro de obras quase à sua própria sorte e passaram a comer açúcar e balas, que

Os sobreviventes

Em 1800 eles seriam um grupo de 2 200 a 2 500 indivíduos que vivia em várias aldeias no cerrado entre Goiás e Tocantins, plantando, caçando e coletando. Hoje, restam apenas seis. Os índios avâs-canoeiros foram os únicos que não aceitaram o contato com as frentes de expansão que chegaram a seus territórios: primeiro os bandeirantes e depois outros aventureiros e companhias em busca de minério e pastagens para o gado.

Como nunca se submeteram, foram sendo empurrados de suas terras e passaram a ter um modo de vida nômade. A última aldeia que restou, com cerca de 100 pessoas, foi dizimada por homens jamais identificados em 1966 ou 1967. Armados com revólveres e facões, eles degolaram velhos e crianças para poupar munição e atiraram sem piedade nos adultos.

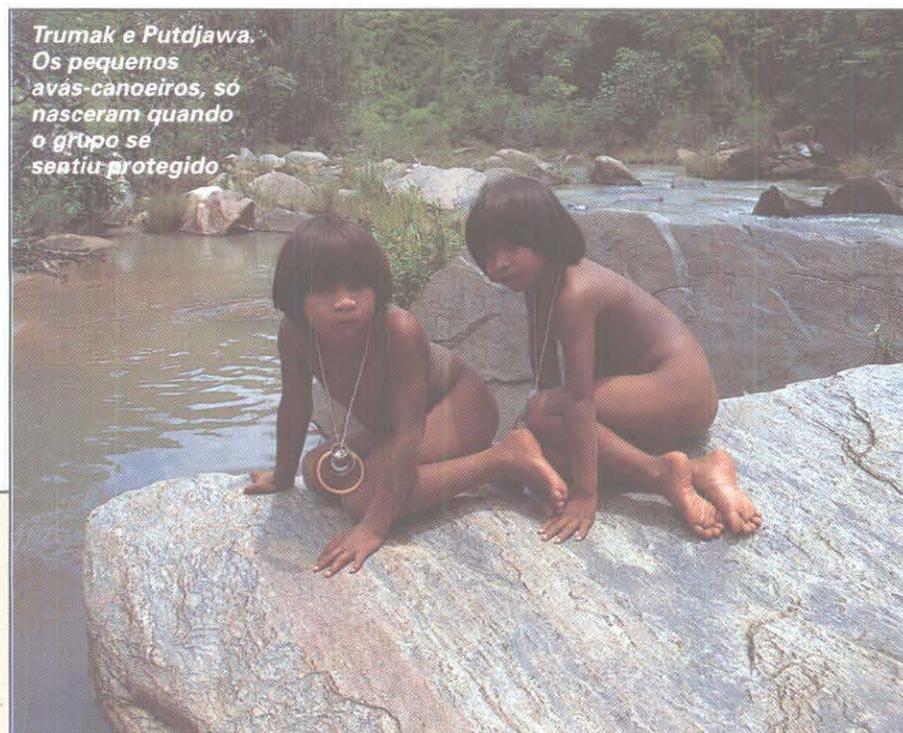
Foi dessa aldeia que Matcha e seu marido, sua filha Tuya, a irmã de Matcha, chamada Nakwacha, e lawi, possivelmente um sobrinho,

Os índios avás-canoeiros viraram atração dos peões da usina. Abandonados, passavam o tempo vendo vídeos pornô e atirando nos cachorros

lhes arruinaram os dentes, a ver os vídeos pornô e shows eróticos programados para os operários a cada sábado e ainda a se divertir matando cachorros com uma arma que sabe Deus como foi parar em suas mãos.

“Todos se apressam em apontar os defeitos e ninguém salienta os benefícios da usina”, queixa-se o engenheiro Miguel Zerbini de Faria, responsável pela obra, que está no local desde

1990. “Além da energia elétrica que será gerada, que vai abastecer também vários municípios vizinhos, a região vai se desenvolver, já que a usina atrairá indústrias e pode incentivar o turismo na área do lago. Outro ponto positivo é que o reservatório vai possibilitar o controle das cheias do rio. A cidade de Peixes, por exemplo, foi alagada em 1994. Isso é algo que nunca mais vai acontecer”, enumera ele.



Trumak e Putdjawa.
Os pequenos avás-canoeiros, só nasceram quando o grupo se sentiu protegido

escaparam. Apavorados, eles ficaram cerca de vinte anos no mato, fugindo dos brancos, vivendo em cavernas, caçando e fazendo pequenas rapinagens nas hortas e pomares dos criadores de gado e garimpeiros.

Quando o marido de Matcha foi morto por uma onça, as mulheres tiveram de assumir o comando. Elas caçavam e coletavam para lawi, ainda um menino, e Tuya, uma garotinha. Enquanto os curumins ficavam numa caverna com um fogo aceso na entrada para as onças não invadirem, as mais velhas saíam para buscar alimento. Assim, os papéis foram de certa forma invertidos e até hoje, curiosamente, lawi, o homem, se dedica a tarefas domésticas, como cozinhar.

No tempo em que ficaram fugindo, Tuya e

lawi cresceram e formaram um casal. A diferença com os outros casais de índios é que eles não se permitiram ter filhos. Uma criança atrairia os inimigos com seus choros e dificultaria demais a fuga. Além do mais, como bem recordavam, os pequenos eram os primeiros a ser abatidos. Para evitá-los, Tuya abortava com um método dolorosíssimo. Quando percebia que sua segunda menstruação não havia chegado, ela finha sua barriga apertada por todos os membros do grupo até que o feto fosse sufocado. Depois disso, passava a noite dançando num ritmo monocorde, batendo com os pés no chão até terminar de expeli-lo. “É melhor tirar a semente. Quando a gente olha nos olhos do filho e depois vem o branco e degola dói mais”, che-

Há quem discuta seu ponto de vista, alegando que os benefícios são poucos tendo em vista o impacto que causam, mas o fato é que o país precisa de energia e essa é a maneira de gerá-la. “Uma hidrelétrica é a forma mais limpa e barata de obter energia. Qualquer outro tipo de energia, a termelétrica ou a nuclear, seria mais poluente”, explica Zerbini. Obviamente, há diferentes formas de planejar um empreendimento como esse. A empresa poderia, por exemplo, ter permitido uma vazão mínima do rio para trás da barragem durante o tempo de enchimento do reservatório, o que, inclusive, é uma exigência legal.

“Furnas não fez os relatórios de impacto ambiental que deveria ter entregue antes de fechar as comportas”, acusa a promotora da República em Goiás, Rosângela Batista, que, junto com o promotor do Tocantins (outro Estado atingido pelas obras da usina), entrou com uma ação contra Serra da Mesa. O processo não conseguiu impedir, como pretendia, o fechamento das comportas até que se avaliassem os danos que a água causaria. Ele, que também previa um levantamento dos danos, com vistas a uma ação de indenização futura, empacou na burocracia legal e aguarda julgamento.

O imbróglio, obviamente, é de grande porte: envolve investimentos da

gou a explicar ela à antropóloga Eliana Grando, que estuda o grupo atualmente.

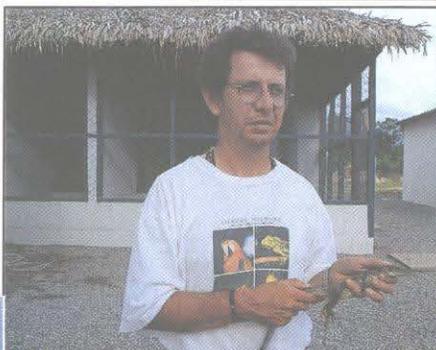
Em 1983, fracos, doentes e extenuados da vida que levavam, os avás resolveram entregar-se. Observaram atentamente os proprietários da área por onde andavam e se decidiram por um rapaz de 18 anos que, nas vezes em que havia sido roubado por eles, não reagira violentamente. Num dia em que ele adentrou a floresta, os avás apareceram. Assustado, o rapaz largou a arma que carregava. Os índios tomaram então a iniciativa e, repetindo em avá “não nos mate, não nos mate”, se aproximaram. Levados para a casa do jovem, terminaram finalmente nas mãos da Funai, que tinha uma representação na região.

“Foi então que começou o trabalho de identificação da área indígena por meio de levantamentos arqueológicos e pelo noticiário antigo”, explica Walter Sanches, funcionário da Funai hoje responsável pelo grupo. Quando se sentiram mais tranquilos e assentados, depois de passar pela usina, os avás permitiram o nascimento de duas crianças: Trumak, um menino, e Putdjawa, uma garotinha.

Nas ilhotas que se formaram, os bichos que se adaptarem sobreviverão. Outros serão devorados, e algumas espécies vão se acabar

ordem de 1,6 bilhão de reais que já foram feitos na usina e ainda órgãos como o Ibama, a Femago e instâncias federais que permitiram o fechamento das comportas apesar da ação do Ministério Público. De qualquer modo, embora as responsabilidades e os prejuízos tenham de ser apurados, agora o dano é irreversível, a água avança e já não pode mais ser contida — a usina é fato consumado.

Para tentar minimizar os estragos ocasionados, o que Furnas está fazendo é implantar programas ambientais. Um convênio de três anos assinado com a Universidade de Goiás, por exemplo, permitiu que os sítios arqueológicos fossem investigados e estudados antes do fechamento das comportas.

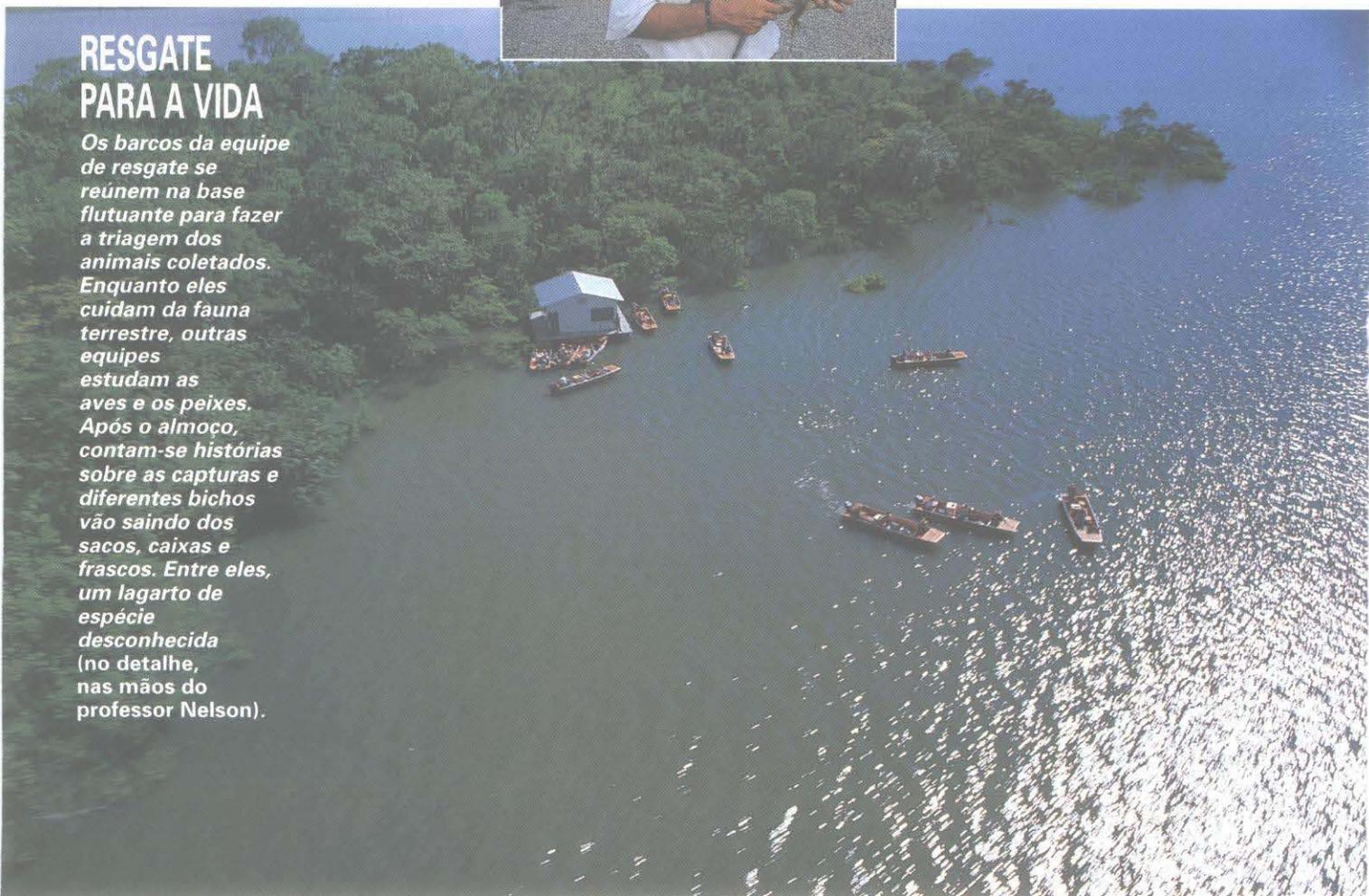


tas. Aqueles que iam ficar debaixo d'água, como a Pedra Talhada, um paredão na margem esquerda do Rio Tocantinzinho com 65 metros de altura, tiveram suas pinturas fotografadas e os objetos que foram encontrados, como esqueletos, potes e pedras lascadas, recolhidos para pesquisa. No final, por conta da instalação da usina é que essas partes da nossa História puderam ser descobertas e estudadas, para ser logo em seguida submersas.

Algo parecido aconteceu com os índios. A área da reserva alagada vai ser reposta por Furnas, que comprará um terreno igual em outro ponto que possa ser anexado. Um acordo custeou a remoção dos avás (eles ficariam muito próximos à margem seca do rio) para uma área determinada pela antropóloga Eliana Granado, contratada para cuidar da questão indígena e também a formação de duas frentes de contato que procuram índios que ainda estariam na região. Eles seriam a única esperança de sobrevivência dos avás-canoeiros.

RESGATE PARA A VIDA

Os barcos da equipe de resgate se reúnem na base flutuante para fazer a triagem dos animais coletados. Enquanto eles cuidam da fauna terrestre, outras equipes estudam as aves e os peixes. Após o almoço, contam-se histórias sobre as capturas e diferentes bichos vão saindo dos sacos, caixas e frascos. Entre eles, um lagarto de espécie desconhecida (no detalhe, nas mãos do professor Nelson).



Para amenizar o impacto sobre a fauna, um programa batizado como Resgate foi implantado. Sua base funciona numa casa dentro da área da usina e a equipe, comandada pelo biólogo Nelson Jorge da Silva Jr., da Universidade Católica de Goiás, conta com catorze barcos e um avião ultraleve. Ao entrar na casa é preciso cuidado: em dois momentos do dia os animais apreendidos são catalogados e às vezes sai de um saco uma cobra-coral ou uma pe-rerega sobrevoa a área fugindo de um frasco e tem de ser caçada por todo o salão. Dentro dos aquários há escorpiões, lacraias, aranhas-caranguejeiras e jararacas que foram capturados nas ilhotas que se formam nos pontos mais altos, para onde os bichos correm fugindo da água.

A rotina ali é sempre agitada. Às 7h30 da manhã, os biólogos e ajudantes se reúnem na represa e, divididos nos barcos, vasculham o reservatório. Metidos em uniformes cáquis, com luvas e calçando botas altas, alguns descem nas ilhas, com todo o cuidado do mundo, já que é ali que os répteis se concentram, enquanto outros tentam resgatar bichos isolados em copas de árvores já submersas ou terras que em breve estarão debaixo d'água.

De repente, lá pelo meio-dia, alguém avista um grupo de macacos. Os ânimos se exaltam. Os bichos, assustados, pulam de um galho para outro enquanto são cercados, e os homens gritam, cortam as árvores com facão e parecem crispar-se pela excitação, como se a caçada trouxesse à tona seu próprio instinto animal. O macho do grupo, acuado, salta na água, planando sobre um dos barcos, que sai em sua captura. Em pouco tempo ele está na mão de um dos membros do resgate. Chiando, com olhos de pavor, é colocado em uma grande caixa de madeira. Um a um os macacos são pegos, trata-se de

uma família de guaribas: macho, fêmea e dois filhotes. “Nas ilhas que se formam vai haver uma recolonização; os animais que se adaptarem vão ficar, outros serão devorados ou se extinguirão naquele local”, explica Nelson. “Em geral os animais de grande porte têm uma autonomia maior e conseguem fugir; os pequenos, não. Esses macacos, por exemplo, teriam dificuldades. Eles só comem folhas e se ficassem aqui correriam o risco de morrer de fome”, diz o professor Nelson enquanto vol-

enorme, um tatu que — como forma de defesa, tal como fazem muitos bichos — agraciou seu salvador com uma bela rajada de bosta, vários lagartos, um porco-espinho e uma paca. Até agora, a equipe já capturou 20 300 animais, a grande maioria invertebrados (aranhas, insetos, escorpiões), um deles de uma espécie desconhecida. “Que diabos é isso?”, estranharam os pesquisadores quando o pote foi aberto. Tratava-se de um lagarto com características diferentes — as cores, a docilidade, o

tamanho — dos outros lagartos já catalogados. O bicho, que adora ovos, insetos e filhotes de camundongos, está sendo mantido em cativeiro. Outros exemplares do lagarto que foram encontrados seguiram para Goiânia e para São Paulo, onde há equipes estudando-os.

Dos bichos capturados pelos biólogos, os répteis e ratos vão para pesquisa, outros animais devem virar teses de mestrado e doutorado e alguns são marcados e devolvidos à mata para verificar o que acontecerá naquele ambiente no futuro. Os macacos da hora do almoço, ainda dentro das caixas e com umas caras de depressão de meter pena, aguardavam seu destino: eles seguiriam no dia seguinte para o zôo de Sorocaba, em São Paulo, uma das instituições de pesquisa que fazem parte do projeto.

“Acho um absurdo chamarem isso de salvamento, resgate”, contesta um membro do grupo que prefere não se identificar. “Para nós, biólogos, é ótimo, vamos ter material de estudo e animais para museus e zoológicos, mas o impacto dessa obra é brutal, vão morrer bichos adoidado. O que se consegue salvar deve ser na verdade cerca de um terço dos animais que estão na área.” Se há algo de positivo dentro desse quadro, é que pelo menos esses animais servirão para gerar conhecimento.



CHEIA SEM FIM
Na divisa entre Goiás e Tocantins, a usina represou os principais formadores do Rio Tocantins. O resultado foi um lago que ocupou parte de sete municípios.



ta a acomodar-se no barco.

À frente, outra novidade: desta vez um sagüi. O mesmo procedimento é adotado, e depois de uma certa canseira sob o sol implacável de Goiás o bicho vai para a caixa. Mas, ao sair, o barco acerta na árvore com uma casa de marimbondos, e toda uma aviação de insetos ataca. O professor é o primeiro a ir para a água. O barqueiro é atingido perto do olho, que incha. E assim, depois de caçar um bando de macacos, os pesquisadores são vencidos por um enxame de marimbondos. Saldo da expedição: dezenas de picadas, dor e a volta para a base cheios de histórias para contar.

Num barraco flutuante montado dentro do reservatório eles encontram os outros barcos para fazer a contagem do período: uma jibóia